

AJ08792

Engenheiro de 75 anos sobe 500 degraus

Profissionais com mais de 60 anos de idade estão voltando ao trabalho depois da aposentadoria e encarando desafios

Joyce Meriguetti

Os 500 degraus de escada não são um obstáculo na rotina de trabalho do engenheiro civil de 75 anos Anthero de Oliveira, que sobe ao topo da escadaria pelo menos uma vez por semana para vistoriar obras.

“O ritmo pode não ser o mesmo de anos atrás, mas a disposição continua intacta”, garante o profissional, com quase 50 anos de experiência no currículo.

E é justamente o contraste do espírito jovem com a idade de Anthero que o inclui num grupo de profissionais que está sendo valorizado no mercado de trabalho: o de pessoas com mais de 60 anos, que têm ampla experiência e acompanharam a evolução do conhecimento em suas áreas.

“O mercado para trabalhadores nessa faixa etária está em franco crescimento já que, além da vivência, eles apresentam como diferenciais cordialidade e alto nível de comprometimento”, explica o diretor executivo da Heach e membro da Sociedade Americana de RH, Elcio Teixeira.

A rede de supermercados Carone é uma das empresas que aderiu

à política de contratar funcionários que já passaram dos 60 anos.

O diretor do grupo, William Carone Junior, destaca que os atributos encontrados nos profissionais da terceira idade faltam a muitos jovens. “Tem cliente que prefere ser atendido pelas pessoas mais velhas pela atenção, paciência e dedicação que eles demonstram”, destaca.

Um dos profissionais convidados a trabalhar na empresa foi Sebastião Albino, que, aos 82 anos, se orgulha de ter voltado à ativa.

E ele não está sozinho. Há também maquinistas, médicos e cerimonialistas já aposentados, com idade de 60 a 80 anos, que não quiseram ficar parados.

PESQUISAS

Uma pesquisa da Oxford Aging Institute apontou que 67% dos aposentados pretendem continuar trabalhando até quando puderem.

Atualmente, no Espírito Santo, existem cerca de 95 mil aposentados trabalhando, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

OS NÚMEROS

95 mil aposentados estão na ativa hoje no Estado

67% não pretendem parar



MARCELO ANDRADE/AT

Determinação para chegar ao topo

Com 75 anos de idade e quase 50 de profissão, o engenheiro civil Anthero de Oliveira cumpre uma rotina de trabalho de oito horas diárias na Prefeitura de Vitória.

Apesar do preparo físico não ser o mesmo do início da carreira, ele

sobe pelo menos uma vez por semana 500 degraus de escada para vistoriar obras.

“Os anos se passaram, mas meu espírito continua jovem e não falta determinação para chegar ao topo”, justifica o engenheiro.

Anthero destaca que fez academia durante 20 anos e só parou com os exercícios porque, no tempo vago que tem, ele faz orçamentos para particulares.

“Procurar manter minha mente sempre em atividade”, diz.

APOSENTADOS NA ATIVA

MARCELO ANDRADE/AT



Em cima do salto por 18 horas

Supervaidosa, a cerimonialista Penha Lima Corrêa cumpre a sua jornada de trabalho diária, que varia de 6 a 18 horas, sempre em cima de um salto alto. Há 30 anos à frente do cerimonial Itamaraty, ela assume a idade com orgulho. “Tenho 73 anos vividos com

paixão”, declara.

Para manter a saúde em dia, Penha conta que faz aulas de pilates e drenagem linfática. “Não tenho problema nenhum, só um pouco de dor nos pés, mas isso nada tem a ver com a idade, é culpa do salto”, brinca.

KADIDJA FERNANDES/AT



Sem direito a férias

Às 5 horas da manhã, o ginecologista e obstetra Perácio Lora Soares, 72 anos, já está de pé e pronto para ir à academia. Segundo o médico, os exercícios físicos fornecem a energia que ele necessita para enfrentar a jornada de trabalho na Pró-Mater, onde ele é diretor.

Com 49 anos atuando na profissão, ele já trouxe ao mundo tantos bebês que se perde nas contas. “Hoje faço partos dos netos de pacientes que um dia nasceram por minhas mãos”, conta o médico, segurando a pequena Cibely Yasmin Matos, nos seus primeiros minutos de vida.

Em todos esses anos de carreira, ele diz que o tempo máximo que ficou afastado do trabalho foram 30 dias. Entretanto, atualmente, o médico não se dá direito a férias e diz que prefere tirar uma folga de 10 dias. “Se a gente fica parado, perde o ritmo”, diz Pérácio Soares.